

DESA
27/9/97 D2 e3
449

LITERATURA

Moacyr Scliar retoma o lirismo em novo livro

O escritor gaúcho está em São Paulo, onde lança, hoje, sua novela 'A Majestade do Xingu', uma ficção que tem como um dos personagens o médico e sanitarista russo Noel Nutels, que emigrou para o Brasil em 1921

JOSÉ CASTELLO

Não é do estilo do escritor gaúcho Moacyr Scliar sonhar em escrever algo se assemelhe a um "romance total", uma ficção que tenha a presunção de esgotar, em uma só penada, os impasses postos na mesa literária de seu tempo. Cada vez me interessa menos, de minha parte, pelas afirmações imperativas, que tanto parecem confortar os leitores mais ligeiros, mas se tornam sempre imprudentes e, em se tratando de arte, se transformam frequentemente em falsificações.

Ainda assim, *A Majestade do Xingu*, o mais novo romance de Moacyr Scliar (Companhia das Letras), que é lançado hoje, a partir das 11 horas, na Livraria Cultural, em São Paulo, traz, em suas breves 210 páginas, não posso deixar de pensar, a síntese de alguns dos impasses que mortificam a produção literária brasileira de hoje:

Depois de uma longa noite vazia, caracterizada pela produção em geral afônica dos anos 80, a literatura brasileira se reencontrou, na década de 90, no veio dos romances históricos (pode-se pensar na primeira Ana Miranda, em alguém como o gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil e em todos aqueles que se deixaram estremecer pela sombra do português José Saramago), da narrativa policial sofisticada forjada na escola de José Rubem Fonseca (e os discípulos jamais ombreiam com o mestre), das grandes biografias como as assinadas por Fernando Morais e Ruy Castro, e mesmo das experiências ditas — em batismo preguiçoso — "pós-modernas". E, assim, ela se sintonizou, novamente, com o relógio da história.

Os anos 90 trouxeram consigo algumas velhas questões, batidas e até entediadas, mas sempre embaraçosas. Colocadas de outra forma, e com outros argumentos, elas se tornaram contemporâneas, embora respondam às mesmas dúvidas vitais que afligem os escritores desde sempre. Perguntas, afinal, que vão além do domínio literário e chegam, tímidas, aos subúrbios da filosofia. Qual é o limite entre a realidade e a ficção? Quanto um autor, ainda que à sua revelia, transporta de sua vida pessoal para as páginas de um livro? Pode uma ficção desejar a autonomia absoluta, como se as circunstâncias históricas pudessem ser desprezadas e o tempo fosse apenas um mal-estar passageiro? Em que medida um escritor, mesmo o mais prudente e cerebral, pode escapar de si?

Todas essas perguntas, agora, são respondidas por Moacyr Scliar, de 60 anos, em sua emocionante novela *A Majestade do Xingu*. A idéia de um rol de respostas talvez não seja correta, já que Scliar não realizou uma ficção didática, não optou pela linguagem mais emaranhada do ensaísmo (que poderia facilitar as coisas, talvez, mas onde ele poderia também se perder) nem cedeu um só milímetro na decisão, fundamental, de se limitar a contar uma história.

Foi essa determinação em narrar, em colocar a fantasia acima do método — curiosamente: em sonhar —, que lhe faltou em *Sonhos Tropicais*, romance inspirado na vida do sanitarista Oswaldo Cruz que a mesma Companhia das Letras lançou em junho de 1992. Naquele livro, Scliar, talvez contaminado pela moda nascente das grandes biografias, viu-se tentado a deixar a imaginação em segundo plano e, agindo como o historiador que não é, quis colocar a história à frente da invenção. Fez um livro competente, mas frio, um livro que não era seu, pois o verdadeiro Scliar aparece, só agora, de corpo inteiro.

Ficção envergonhada — Dessa vez, ele repara esse desvio intelectualista com o magnífico *A Majestade do Xingu*, que é o mais lírico e provavelmente o mais bem-sucedido livro que já escreveu. Mas não permitiu que nada, nenhuma inquietação, nem mesmo a vocação vacilante de biógrafo, ficasse para trás.

Só que mudou tudo de lugar — e, sobretudo, mudou a si mesmo de lugar, alterando assim a perspectiva da narração.

O romance é, numa certa perspectiva, uma biografia do médico e também sanitarista Noel Nutels, que emigrou para o Brasil vindo da Rússia em 1921, ainda menino, e se tornou uma das mais importantes figuras da resistência moral durante os anos negros do regime militar. É uma biografia, mas não é uma biografia.

O livro é narrado por um comerciante judeu do Bom Retiro, dono de uma loja chamada *A Majestade*, que emigrou para o Brasil, vindo da Bessarábia, região originalmente romena, viajando no mesmo cargueiro Madeira que trouxe Nutels e sua mãe, D. Berta, para o Recife. Esse deslocamento do foco narrativo, em que a história real é ditada por um personagem fictício, subverte o gênero biográfico e o transforma, de modo patente, naquilo que sempre é ficção envergonhada, que tenta tomar o lugar da história, substituí-la, mas sempre ficção.

Nutels era de Ananiev, uma pequena vila russa. Seu pai, Salomão, emigrara anos antes para Buenos Aires, onde fracassou. Na viagem de volta à Alemanha, em 1917, o navio que o transporta fez uma escala de rotina no Recife. Salomão desceu para conhecer a cidade, onde o clima era de revolta generalizada contra os alemães, já que o Brasil acabara de declarar guerra à Alemanha do kaiser. A sorte mexe suas peças: o pai de Nutels é confundido nas ruas com um alemão, perseguido, espancado, e acaba perdendo o navio. Resta-lhe ficar no Brasil. Vai viver em Lage do Canhoto, Alagoas, onde abre uma loja de moda.

Em 1921, Berta, a mãe de Nutels, temerosa da violência gerada pela revolução bolchevique, decide fugir da Rússia com o filho Noel, então com 9 anos, e se juntar ao marido. É curiosa a maneira como toma a decisão de partir. Certo dia, Ananiev é visitada pelos cossacos da cavalaria bolchevique. A família Nutels termina intimada a hospedar um deles, um rapaz falante que vem a ser o escritor Isaak Babel, o futuro autor de *A Cavalaria Vermelha*, livro que seria publicado em 1926. Um entusiasmado Babel relata para Berta seus sonhos a respeito do futuro revolucionário do país. O vaticínio de Babel, cheio de heroísmo e purgação, se torna um tiro pela culatra e a leva a se decidir pela fuga.

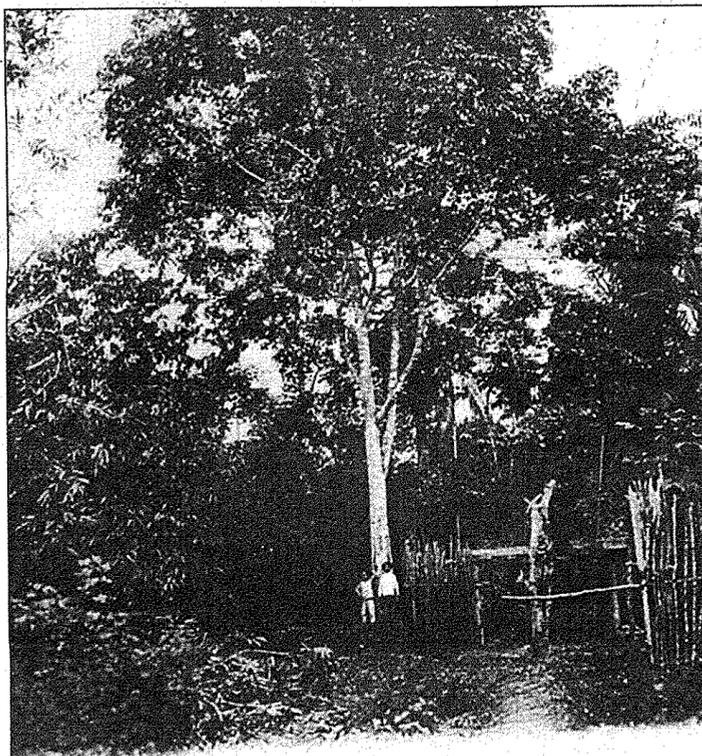
As famílias de Nutels e do narrador, confirmando a amizade profunda que os uniu durante a travessia do Atlântico, também se aproximam e chegam a cogitar de viverem juntas, mas a idéia não vinga. O próprio Nutels, depois que desembarca, parece agora desinteressado pelo amigo anônimo. Na maior parte do romance, a relação do narrador com Noel Nutels é imaginária — calcada apenas nas notícias de jornal que lê a seu respeito e nas fantasias com que as reveste.

Nutels vai para o Rio em 1937, para estudar medicina. Integra-se ao grupo de *Diretrizes*, de Samuel Wainer, e se torna comunista. Torna-se sanitarista e vai trabalhar com os índios. Transforma-se em uma personalidade. Os dois só se reencontram quando ele decide visitar Nutels em seu leito de morte. O sanitarista não pode reconhecê-lo. Scliar narra: "E então vi, sobre a cama, o Noel Nutels. Estava morrendo. Morrendo, o Noel. Deitado, imóvel, os olhos fechados, a respiração estertorosa, Noel morria." Ele chega tarde demais.

Inexorabilidade — O narrador de *A Majestade do Xingu* está, ele agora, internado em uma UTI e, para se consolar das dores atrozes, dita a seu médico a história de seu encontro accidental com o pequeno Nutels à bordo do Madeira. Vê que o médico toma notas sobre sua prancheta de prontuários, mas não tem nem mesmo certeza se o que ele anota é a história que dita. O livro é, portanto, a confissão de um moribundo a respeito de um morto — com todo aquele tom de inexorabilidade, e de ausência de travas,



Moacyr Scliar: "Estou com 60 anos e não se chega aos 60 anos impunemente; há no livro uma espécie de balanço, de acerto de contas comigo mesmo"



A Majestade do Xingu

MOACYR SCLIAR

O novo livro: personagem histórico de Noel Nutels é apenas uma provocação para que a fantasia se desencadeie e tome a frente da cena; é também um alter ego que o escritor usa para falar um pouco de si

mas também de insegurança gerados pela presença do fim.

A Majestade do Xingu é um ditado, mas o narrador nem mesmo pode ter certeza se o que diz é de fato anotado. Viveu uma vida pequena, desproporcional à grandeza do amigo. Durante os anos em que se perdeu de Nutels, o narrador sobreviveu com um pequeno armarinho no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. Passou seus dias atrás do balcão, esperando a magra freguesia e lendo Lobato, Proust e Ovídio. "Até que ponto ele quer, mesmo, reencontrar o Nutels?", o próprio Scliar se pergunta. "Sinceramente não sei. Talvez ele prefira esse amor platonico, talvez prefira permanecer na fantasia." A grande História, na verdade, não o interessa.

O anonimato do narrador, é importante dizer, não é um dado supérfluo. A identidade oculta, na verdade, não oculta coisa alguma. "Esse personagem que não tem rosto é uma opção deliberada", Scliar diz. "Ele pode ter pedaços de mim, mas é um resultado antes de tudo de minhas fantasias." É o sinal de que, para Scliar, a história — com seu imenso H — é o que

menos importa.

"Geração de perplexos" — O personagem histórico Noel Nutels, também ele, é apenas uma provocação para que a fantasia se desencadeie e tome a frente da cena. É, também, um alter ego que Scliar usa para, sem nenhuma veleidade de realizar uma autobiografia, falar um pouco também de si. "Exponho nesse livro meus dilemas pessoais e também os dilemas de minha geração, pois não posso estar fora dela", Scliar diz. "Essa geração que fez muitas coisas extraordinárias, outras não tão boas, mas cuja experiência jamais se descolou da história."

Mas como definir tal geração? "Minha geração é uma geração de perplexos", diz. "A ficção é, pelo menos, consoladora, pois ela nos permite fantasiar." Essa função paliativa da atividade literária está bem expressa na figura do narrador, que, depois de perder Nutels de vista, passa a inventar histórias, que conta a si mesmo em silêncio, sobre o destino do amigo.

O papel positivo da mentira aparece pelo menos em dois episódios importantes do romance.

Primeiro, na história de Sarita e seus falsos índios militantes, depois no relato das cartas apócrifas que o narrador escreve para o filho, Zequi, um jovem militante de certa célula esquerdista Zumbi dos Palmares, em nome de seu ídolo Noel Nutels.

As cartas falsas de Nutels, lidas nas reuniões secretas da organização, adquirem uma função revitalizadora, estimulando aqueles jovens, perdidos em meio a uma ditadura cruel, a seguir com sua luta. Também no caso de Sarita, a mentira — isto é, a ficção — tem um papel positivo.

Sua história é trágica. Depois de militar no meio da rua em defesa da causa indígena, a esquerdista Sarita cai doente, deprimida. Nas ruas de São Paulo, ninguém dava importância a seus apelos em favor dos índios. "As poucas pessoas que paravam para ouvi-la espantavam-se: índios? Onde estavam os índios? É louca, diziam, e iam embora."

Até que seu pai, Moisés, tem uma idéia para salvar a filha do desespero: contrata um pequeno grupo de índios decadentes que vive na periferia e lhes paga para que passem a frequentar os comícios relâmpagos da filha. Passam a ser

índios fazendo o papel de índios. É a fábula que se impõe à realidade, para curar a pobre Sarita — que é curada por uma mentira, mas a saúde não se deixa impressionar por essas questões filosóficas.

Acerto de contas — Esses dois episódios nada mais são que a encaenação literária do procedimento escolhido por Scliar para escrever *A Majestade do Xingu*. Ao deslocar o foco de atenção, deixando o "biografado" Nutels em segundo plano e o narrador anônimo em primeiro, ele relativiza a importância da história e sobrepõe a ela, bem mais brilhante e eficaz, a imaginação. Scliar admite: "Estou com 60 anos e não se chega aos 60 anos impunemente; há no livro uma espécie de balanço, de acerto de contas comigo mesmo." O novo romance passa a limpo não só sua experiência pessoal de judeu, de médico sanitarista e de escritor, mas também a literatura em que se consagrou.

As classificações sempre se mostram insuficientes quando se deseja classificar a literatura de Moacyr Scliar. Escritor "judeu"? — diz o lugar-comum. Mas a linhagem, inscrita no sangue e também na letra, mostra-se vacilante, contraditória, insuficiente. Escritor "médico"? — tentam seus colegas de profissão sem sucesso, pois a literatura jamais foi para Moacyr Scliar um hobby de fim de noite ou vício de plantonista. Escritor "gaúcho", tentariam seus pares mais ortodoxos de Porto Alegre?

Mas os livros de Scliar não se enquadram em nenhum tipo de regionalismo, nem oferecem aquela visão terminal do pampa e da fronteira que permeia a obra de muitos de seus pares (e aqui é preciso excluir João Gilberto Noll, Ilya Luft, Caio Fernando Abreu, Luis Fernando Verissimo, e mesmo Sérgio Faraco, e a partir de agora, com o novo romance que tem no prelo, até Luiz Antonio de Assis Brasil, excluir tantos autores que muito pouco resta...).

Imaginação fecunda — *A Majestade do Xingu* pode ser lido, também, como um falso romance em que se esconde um livro de contos. A narrativa é composta de uma série de relatos emaranhados, que se entrelaçam ferozmente, e se inspira deliberadamente na *Bíblia* — um imenso livro que é, na verdade, uma colcha de parábolas. Os leitores dos *Contos Reunidos* de Scliar, publicados pela Companhia das Letras em 1995, poderão encontrar nesse romance a mesma imaginação fecunda, o mesmo derramamento inventivo que caracteriza suas narrativas curtas.

O romance de Scliar — que tira seu nome da maneira como o narrador imaginou batizar uma loja que abriria em plena reserva indígena só para homenagear o amigo morto — é um falso livro de memórias, em que se relata uma falsa biografia, que se cruza, em falso, com a vida de um homem verdadeiro. Penso — com prazer, não posso negar — nas dificuldades que encontrarão os vigilantes do estilo para enquadrar o livro, e como se desmorteirão, como se sentirão perdidos, e será enfim a literatura a trabalhar sobre eles, a iluminá-los em sua cegueira.

Também aqueles que forem ler *A Majestade do Xingu* como se tomassem uma biografia assinada por Castro, ou Morais, se deixarão iludir; Noel Nutels é apenas o núcleo exposto, o osso fraturado, peça em torno da qual se enrolam os condutores narrativos e em torno tudo o mais é fantasia brilhante.

Moacyr Scliar viaja em outubro para Providence, nas cercanias de Boston, onde passará quatro semanas dando palestras na Universidade de Brown. Em fevereiro, viajará novamente para os Estados Unidos, dessa vez para São Francisco, como convidado de um Encontro Mundial de Escritores de Temática Judaica.

"Esse é um território que talvez se esteja esgotando", diz. "As mudanças no mundo são tão aceleradas que, daqui a pouco, a experiência do judaísmo poderá restringir-se à expressão religiosa, que não compartilho, ou à vida em Israel, o que também não é o meu caso." Ainda que essa previsão pessimista se realize, restarão os livros — e a *A Majestade do Xingu* será peça importante desse acervo de resistência. Em que, por fim, não é só a cultura judaica que resiste, mas toda a literatura.

SERVICO

A Majestade do Xingu. De Moacyr Scliar. Companhia das Letras, 216 páginas, R\$ 19,00

DESP
27/9/97 D3 60
449

LITERATURA

Scliar faz comovente encontro com passado

Na sua mais recente criação, 'A Majestade do Xingu', o escritor gaúcho revisita a memória do médico e indigenista Noel Nutels, com uma narrativa carregada de confissões, simbolismos e magia

ANA MIRANDA
Especial

Alguns livros chegam às nossas mãos por caminhos misteriosos. *A Majestade do Xingu* foi assim. Veio se insinuando. Eu soube de sua existência antes mesmo de ser publicado, ouvi a notícia, como se anunciassem a descoberta de uma nova estrela no firmamento ou o nascimento de um animal raro no jardim zoológico, e disseram, um livro de certa forma parecido com o meu, imigrantes, navios, coisas desse tipo. Então o livro chegou às minhas mãos.

A capa — A capa era em tons de terra. Passei as mãos no papel, uma capa macia, encerada, as capas hoje não têm mais a frieza do revestimento plástico. Olhei a foto estampada, uma floresta sépia e dois homens no começo deste século encostados ao tronco de uma seringueira. Com uma lente de aumento observei a foto, procurando algo que chamasse a atenção, encontrei um par de botinas jogadas no mato.

Li a quarta capa: "Destinos brasileiros na história recente do País. No livro, entrecruzam-se trajetórias de índios e imigrantes, comunistas e generais, comerciantes e intelectuais, numa narrativa trepidante e bem-humorada..." No centro da história está Noel Nutels, o médico judeu de origem russa que consagrou sua vida a cuidar dos índios brasileiros." Abri o livro.

A leitura — Havia uma expectativa perigosa, eu não estava sendo pega de surpresa. Como se olhasse um tigre siberiano ou um macaco azul, comeci a leitura: "Esta

noite, doutor, pensei muito no Noel Nutels. Aqui na UTI a gente dorme mal, e eu tenho sonhos estranhos, mas acordei lembrando, não sei por quê, uma história que me contaram... O senhor tem jeito de quem gosta de ouvir histórias, e desta o senhor gostará. É triste, mas é engraçada. Como tudo, não é doutor?"

Um homem conta a história de sua vida e a de sua amizade com o grande médico e indigenista, Noel Nutels (1913 — 1973). Vieram no navio *Madeira* para o Brasil. Aqui se separaram. Mas o homem nunca esqueceu Noel, uma figura quase imaginária, que dá sentido à sua existência. O narrador, uma espécie de Cyrano de Bergerac, numa recriação inversa do plural majestático, toma emprestada a grandeza de Noel Nutels para descobrir a própria grandeza, para revelar que *todas* as vidas são, ao mesmo tempo miseráveis e majestosas.

A fala do narrador logo criou em meu coração sentimentos de amizade, simpatia, respeito por ouvir as palavras de um homem diante da morte. Na verdade, eram as palavras de um escritor e médico (a quem normalmente nos confessamos), um homem nascido em Porto Alegre no ano de 1937, filho de imigrantes russos judeus, autor de 45 livros, um dos melhores escritores brasileiros chamado Moacyr Scliar. Busco jamais confundir o autor com o personagem, ter sempre em mente que é o autor quem fala e o personagem é apenas um disfarce. Então, segui, disposta a penetrar no mundo de Moacyr Scliar.

Seu mundo inteiro está aberto nas páginas do livro, numa generosidade e candura quase pueris. Um mundo profundamente hu-

mano, carregado de simbolismo. Suas fantasias são reveladas de maneira tão franca e gentil que ele nos leva, sem resistências. Os pequenos episódios da vida do narrador começam a se suceder. Os efeitos são comoventes, ou engraçados, como ele bem anunciara no primeiro parágrafo, "É como tudo, não, doutor?" Eu não conseguia parar de ler.

A história nas pequenas coisas — Entremeadas à literatura estava a História. Tudo começa quando aldeões russos numa sinagoga recebem folhetos para estimular a imigração, com a foto de um laranjal, porcos, gente trabalhando na lavoura paradisíaca do Brasil. "O senhor há de perguntar o que faziam porquinhos num panfleto distribuído a judeus, mas não era aquilo o que importava, o que importava, o que nos encantava, era a abundância de laranjais; laranja na Rússia era coisa rara, importada não sei de onde, vinha enrolada em papel de seda e quando as gente — por acaso, só por acaso — conseguia uma laranja, ela era dividida, um gomo para cada pessoa. Mas, naquele lugar, o Brasil, havia laranja à vontade; e banana, e tudo de bom que se pudesse imaginar."

Essa imagem delicada pode explicar profundamente os motivos que levaram aqueles judeus russos a emigrar para o Brasil. É evidente no livro a maturidade literária de Moacyr Scliar, sua sensibilidade, sua alma de verdadeiro ficcionista. Aprendi muito com ele. Sei como é difícil trabalhar com a História, ela é muito poderosa e nos sufoca. Mas, no livro de Scliar, a História é apenas um rastro, o

que importa são os sentimentos das pessoas, a discussão do comportamento, o passado reconstruído na memória, o vaguear entre sonho e realidade.

O personagem nas pequenas coisas — Não há descrições ou diagnósticos, Moacyr Scliar cria seus personagens mostrando pequenos hábitos, medos, rotinas e a própria história de cada um. O narrador vai se construindo como uma casa de tijolos, aos poucos, por meio de lembranças, da sua maneira de falar, da observação das pessoas que povoam seu mundo. O percurso do narrador, que tem uma vida simples de lojista, mas

SEU MUNDO
INTEIRO ESTÁ
ABERTO NO
LIVRO, NUMA
GENEROSIDADE
E CANDURA
QUASE PUERIS

repleta de acontecimentos e fatos curiosos, vai revelando sua personalidade composta de ternura, singeleza, mordacidade, bom humor, obscenidades, ribaldaria, com aquele hedonismo judeu que encontra prazer no sexo e na literatura. Ele tem uma visão do mundo tão inconsciente que chega aos limites de uma compreensão perfeita. "...que podia estar milionário, não estou por razões incompreensíveis, ou melhor, por razões que me pareciam incompreensíveis, agora acho que sei o que está acontecendo, esta loja tem caveira de bu-, caveira de habitantes autóctones da região — não, perdão, o que eu queria dizer é que a loja tem caveira de burro, de vez em quando faço essas confusões, sou bom no português. Noel bom, mas às vezes tropeço, são os eflúvios — é uma loja construída sobre terreno minado, não se trata de minas explosivas, é muito pior, são minas espectrais..."

O personagem do herói Noel

Nutels é completamente inesperado, Scliar mostra seu lado bonachão, engraçado, fescenino, irreverente, humanizando-o por meio de sua mitificação. "... Um judeu russo sai de sua terra, forma-se em Medicina — para acabar no meio do mato, cuidando de índios? Que história é essa? Nunca viu um judeu, mas só os imagina em lojas, ganhando dinheiro. Sempre pensei que judeu gostasse de grana fácil, murmura, não de índio. Noel solta uma gargalhada: pois aqui você está vendo um judeu diferente, um judeu pobre e burro. Pisca o olho: sorte sua, hein? Sorte sua eu estar aqui e não numa loja", diz Noel ao visitar um paciente com varíola, em plena floresta.

As mulheres — As mulheres são uma presença circunstancial. O narrador tem uma relação muito mais próxima com os livros, os novelos de lã da loja, as agulhas, as aranhas que fazem teias nas prateleiras, o fantasma de Noel Nutels, que com as mulheres, até o dia em que descobre a verdadeira dimensão dessas presenças em sua vida. São as mulheres que decidem, mas, se elas controlam as vidas dos homens, não controlam suas mentes, nem suas poluções noturnas, desejos, sonhos. A sombria e quase inexistente Paulina é uma grande surpresa feminina, consegue romper com uma entediante vida doméstica e reaparece no dorso de um camelo fazendo amor com um velho sheikh beduíno em pleno deserto. A irmã Ana, a amante Iracema, a índia Anaí, as mães judias, a empregada Josiléia, a militante Sarita, todas representam um papel na vida do narrador. São engraçadas, nem um pouco românticas, de certa forma egoístas, determinadas, mas, graciosas e desejáveis. As personagens de Scliar, tanto homens como mulheres, encontram saídas para suas vidas. São, afinal, saudáveis.

O narrador está falando, não é um homem pensando, isso determina a linguagem. Ele fala com clareza, descreve, reflete, dialoga, às vezes parece estar delirando, ou sob efeito de sedativos, a linguagem soluça, reitera, entrecorta-se.

A estrutura é engenhosa e perfeita, as coisas às vezes parecem flutuar no livro, parecem não ter motivo para estar ali, mas, adiante, elas se tornam imprescindíveis, a presença de cada detalhe tem um significado, a barba do schochet, as botas do conde, a aparição rápida e cortante de Isaac Babel, a presença da ideologia política, a coleção de frases que fazia Noel Nutels, o homem que quer matar os índios, tudo que parece sem importância, na verdade, é a trama, uma trama mental e não factual, embora a história seja narrada numa ordem cronológica, que deixa o leitor bem seguro dos acontecimentos. O ritmo da narrativa é rápido, as coisas evoluem e encaixam-se, surpresas atrás de surpresas vão se sucedendo, sempre há uma pequena história muito original depois de outra, persiste um clima de estranheza, de magia. De sentimento em sentimento cheguei ao fim do livro em apenas duas noites.

Sempre gostei dos livros de Moacyr Scliar, repletos de sonhos, delírios, centauros, de sua linguagem despojada de ornamentos, mas de muitos significados, porém, agora não se trata apenas de gostar, ou de reconhecer sua qualidade literária, trata-se de um vínculo profundo, como se finalmente tivesse conhecido Moacyr Scliar.

■ Ana Miranda é escritora, autora de 'Amirik' (Companhia das Letras)

SERVICO

A Majestade do Xingu, de Moacyr Scliar. Companhia das Letras, 210 págs., R\$ 19,00.